

REAÇÃO EM CADEIA #8

10.09.
-26.11.
2021

Silvia Bächli



SIDE FACING THE WIND

Curadoria
Bruno Marchand

Fidelidade Arte
Largo do Chiado, 8
1249-125 Lisboa



Num dos primeiros emails que trocámos sobre a construção desta exposição, Silvia Bächli informou-me que no seu estúdio existia já uma maquete do espaço da Fidelidade Arte e que, distribuídos pelas paredes de cartão, figuravam já alguns “atores”. “São só umas primeiras ideias”, escrevia Bächli. Os “atores” a que se referia eram, claro está, miniaturas à escala de desenhos e esculturas, selecionados de entre a sua produção recente. A opção pela construção de uma maquete do espaço não me surpreendeu. Tinha lido num dos seus catálogos que esse era o seu método de trabalho no que à conceção expositiva dizia respeito: “De facto, faço os meus desenhos no estúdio, independentemente de qualquer exposição, mas, quando exponho, seleciono-os e organizo-os tendo em conta o espaço que vão ocupar. É só quando conheço o aspeto do espaço que começo a conceber conjuntos com diferentes desenhos.”¹

Saber que Bächli tinha perfeita consciência de que uma exposição depende tanto das obras que apresenta quanto das relações que entre elas se equacionam no (e com o) espaço não me preparara, contudo, para a surpresa de perceber que a artista entendia as suas peças como “atores”. A escolha do termo não podia ser inocente. Ator não é o mesmo que personagem. Na verdade, ator tende a ser o oposto de personagem, sobretudo quando os consideramos à luz da questão da singularidade. Um ator será tão mais competente quanto mais apetência demonstrar para encarnar diferentes personagens; uma personagem será tão mais impactante quanto mais particular se apresentar o seu carácter dentro de um dado enredo.

Não é raro partimos do princípio de que as obras de arte são portadoras de um determinado significado; que, por muito abstratas que sejam, *representam* qualquer coisa. Partir desse princípio significa olhar

para a obra como uma personagem, não como um ator. Por outro lado, olhar para a obra enquanto ator implica esvaziá-la daquilo que a poderia encerrar numa identidade vincada; significa dotá-la de uma flexibilidade e de uma fluidez que não se compadecem com usos fixos, normativos e funcionais. As obras de Bächli tendem para essa fluidez. A sua existência é, sobretudo, contextual. Isto é, o que elas representam depende muito mais do ambiente em que estão inseridas, dos seus posicionamentos relativos, das suas contaminações, dos contrastes ou das distâncias que mantêm entre si, do que propriamente das suas identidades “isoladas”. É por isso que Bächli dá primazia ao espaço: sabe que nem todas as cenas podem decorrer no mesmo ambiente e que cada cena implica um grupo de atores diferente.

Por muito fluidas que sejam, estas obras não escapam, contudo, à sua valência física. Como se fizessem parte de uma mesma família, estes atores partilham diversas características físicas, marcadas por uma deliberada economia de meios e gestos. No que aos meios diz respeito, as obras de Bächli consistem maioritariamente na aplicação de tinta guache sobre a superfície branca do papel. Os desenhos são feitos com recurso a trinchas ou pinceis largos e a paleta concentra-se nos cinzas e nas cores terra, com episódicas incursões por tonalidades mais abertas, mas sem nunca perder um registo contido e uma vibração controlada. No que concerne aos gestos, as inscrições nos desenhos descrevem frequentemente movimentos verticais ou horizontais, ora amplos ora curtos, explorando relações de tensão com os limites do papel. Se os gestos amplos denunciam um controlo e um virtuosismo que só se consegue adquirir com anos de prática ininterrupta, os curtos são como notações, tendendo a assinalar ritmos e repetições, marcações e deslocações, tempo e acontecimento.

Que nenhuma das obras de Bächli tenha título é apenas consentâneo com a sua vocação plurívoca. Mas o nome desta exposição – algo como, *de lado voltado para o vento* – sugere um território comum para um conjunto de atores que oscila entre o figurativo e o abstrato, o arbitrário e o aleatório. Neste caso, a alusão ao nosso corpo afetado por um vento lateral é o mote que introduz a hipótese de se considerar todo o trabalho de Bächli como um inventário visual das experiências subtis do quotidiano; como um exercício que procurasse traduzir as impressões e sensações ténues que experimentamos, mas cujo registo na memória do corpo tendemos a desconsiderar. Claro que tudo é sempre mais complexo do que parece, mas, vistas por esse prisma, estas obras de Silvia Bächli seriam ensaios. Seriam imagens, necessariamente incompletas e parcelares, que procuram revelar os singelos e não tão tangíveis aspetos do mundo. Nesse sentido, seriam fruto de uma atenção empática, de uma constante e propositada imersão no domínio do sensível, como se a estes atores se pedisse que veiculassem fenómenos que, de outro modo, não se podem ver.

1 Silvia Bächli em “Artistic Differences and Complicities: An Interview with Silvia Bächli and Eric Hattan by Jean-Paul Felley and Olivier Kaeser”, *Situer la Différence*, Paris: Centre Culturel Suisse, 2017, p.7

Silvia Bächli nasceu em Baden, na Suíça, em 1956.

Seleção de exposições individuais entre 2006 e 2021: La BF15, Lyon (FR); Fondation Beyeler, Riehen/Basel (CH); Kunsthalle Karlsruhe (DE); Kunstmuseum, Basel (CH); Centre Culturel Suisse, Paris (FR); Musée Barbier-Mueller, Genève (CH); Frac Franche-Comté, Besançon (FR); Kunstverein, Heidelberg (DE); Pinakothek der Moderne, München (DE); Kunstmuseum, St. Gallen (CH); Swiss Pavillion Biennale di Venezia (IT); Centre Pompidou, Paris (FR); Museu de Serralves, Porto (PT); MAMCO, Genève (CH).

Coleções institucionais: Pompidou Paris; MMK Frankfurt; Pinakothek der Moderne, München; Art Institute of Chicago; Dallas Museum; MoMA, New York; Kunstmuseum St.Gallen; Fundação de Serralves; MAMCO Genève; Kunstmuseum Basel.

<https://www.silviabaechli.ch/home/>

CURADORIA

Bruno Marchand

ASSISTENTE DE CURADORIA

Silvia Gomes

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

António Sequeira Lopes

APOIO À PRODUÇÃO

Fernando Teixeira

MONTAGEM

Michael Bennett

DESIGN GRÁFICO

Márcia Novais

AGRADECIMENTOS

Eric Hattan; Raffaella Cortese, Milano; Barbara Gross, München; Peter Freeman Inc. New York; Maisterravalbuena, Madrid; Skopia, Genève.

Reação em Cadeia é o título do projeto que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, com curadoria de Delfim Sardo (2019–2020) e Bruno Marchand. A proposta consiste em implicar os artistas na seleção dos seus pares, que irão suceder-lhes no espaço da Fidelidade Arte, em Lisboa (primeiro), e da Culturgest Porto (em seguida).

Cada ano conta com intervenções de três artistas, que conhecem diferentes declinações em cada espaço, nomeadamente com a presença de obras diferentes, resultado de profundas adaptações dos projetos à diferente natureza das duas galerias.

Serão publicados três livros, um por cada ano do ciclo, que compilarão a memória dos projetos apresentados, com extensa documentação sobre o seu desenvolvimento.

O ciclo iniciou-se em 2019 com um programa que, cumprindo com esta lógica de sucessão, contou com a participação dos seguintes artistas:

2019

#1 Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (EUA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Itália, 1982)

2020

#4 Evan Roth (EUA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Espanha, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (México, 1983)

#8 Silvia Bächli (Suiça, 1956)

Próximo artista / dezembro 2021

#9 Ângelo de Sousa

(Maputo, MZ, 1938–Porto, PT, 2011)



**10.09.—26.11.
2021**

Largo do Chiado, 8
1249–125 Lisboa



**18.12.—06.03.
2021**

Av. dos Aliados, 104
4000–065 Porto

CHAIN REACTION #8

10.09.
-26.11.
2021

Silvia Bächli



SIDE FACING THE WIND

Curator
Bruno Marchand

Fidelidade Arte
Largo do Chiado, 8
1249-125 Lisboa

FIDELIDADE
ARTE
ARTE

In one of the first emails we exchanged about the conceiving of this exhibition, Silvia Bächli informed me that in her studio she already had a model of the Fidelidade Arte space and that, spread over the cardboard walls, there were already several 'actors'. '(...) some first ideas...', Bächli wrote. The 'actors' to which she was referring were, of course, scaled miniatures of drawings and sculptures, selected from among her recent production. Her decision to build a model of the space did not surprise me. I had read in one of her catalogues that this was her way of working when conceiving exhibitions: 'My drawings do indeed take shape in the studio, independently of any show, but when I exhibit, I select and organize them in terms of the proposed venue. It's only when I know what the space looks like that I begin to form groups with the different drawings.'

Knowing that Bächli was perfectly aware that an exhibition depends on the works it presents as much as on the relationships those works establish in (and with) the space had not prepared me, however, for the surprise of realising that she saw her pieces as 'actors'. Her use of the term could not be accidental. An actor is not the same as a character. In fact, an actor tends to be the opposite of a character, especially when we consider them in the light of the question of singularity. The more inclined an actor is to play different characters, the more competent they are; the more particular a character's role is within a given plot, the more impactful they are.

It is often assumed that works of art are carriers of a certain meaning; that, no matter how abstract they are, they *represent* something. To assume this is to see works of art as characters, not as actors. On the other hand, seeing them as actors implies stripping them of what could trap them in strong, rigid

identities; it means endowing them with a flexibility and a fluidity that are incompatible with fixed, normative and functional uses. Bächli's works tend towards this fluidity. Their existence is, above all, contextual. That is, what they represent depends much more on the environment in which they are inserted, their relative positions, their contaminations, contrasts and the distances between them, than on their 'isolated' identities per se. This is why Bächli gives precedence to the space: she knows that not all scenes can take place in the same environment and that each scene involves a different group of actors.

Now, no matter how fluid they are, these works do not, however, escape their physical traits. Besides that, and as if they were all part of the same family, these actors share various physical characteristics, most of which are borne out of a deliberate inclination towards an economy of mediums, materials and gestures. With regard to mediums and materials, Bächli's works consist primarily of the application of gouache paint to the white surface of paper. Her drawings are made using broad, flat brushes and her colour palette focuses on greys and earth tones, with sporadic incursions into more open shades, but without ever losing a restrained register and controlled vibration. In terms of gestures, the inscriptions in her drawings frequently describe vertical or horizontal movements, either wide or short, exploring relationships of tension with the limits of the paper. While the wide gestures denote a control and virtuosity that can only be acquired with years of constant practice, the short ones are like notations, tending to indicate rhythms and repetitions, markings and dislocations, time and occurrence.

That none of Bächli's works have a title is merely consistent with their plural vocation. But the name of this exhibition – *side facing the wind* – suggests a common territory for a set

of actors that range between the figurative and the abstract, the arbitrary and the random. In this case, the allusion to our body impacted by a side wind is the motto that introduces the possibility of considering Bächli's work as a visual inventory of the subtle experiences of the everyday, as an exercise that seeks to convey the tenuous impressions and sensations we experience, but whose registry in the body's memory we tend to disregard. Of course everything is always more complex than it seems, but, from this point of view, Silvia Bächli's pieces would be like essays – partial and necessarily incomplete images trying to grasp the slightest, not so tangible aspects of the world. In this sense, they are the result of an empathic awareness, of a constant and deliberate immersion in the sensitive domain, as if these actors had been asked to convey phenomena which, otherwise, cannot be seen.

1 Silvia Bächli in “Artistic Differences and Complicities: An Interview with Silvia Bächli and Eric Hattan by Jean-Paul Felley and Olivier Kaeser”, *Situer la Différence*, Paris: Centre Culturel Suisse, 2017, p.7

Silvia Bächli was born in Baden, Switzerland, in 1956.

Selection of solo exhibitions (2006–2021): La BF15, Lyon (FR); Fondation Beyeler, Riehen/Basel (CH); Kunsthalle Karlsruhe (DE); Kunstmuseum, Basel (CH); Centre Culturel Suisse, Paris (FR); Musée Barbier-Mueller, Genève (CH); Frac Franche-Comté, Besançon (FR); Kunstverein, Heidelberg (DE); Pinakothek der Moderne, München (DE); Kunstmuseum, St. Gallen (CH); Swiss Pavillion Biennale di Venezia (IT); Centre Pompidou, Paris (FR); Museu de Serralves, Porto (PT); MAMCO, Genève (CH).

Public collections: Pompidou Paris; MMK Frankfurt; Pinakothek der Moderne, München; Art Institute of Chicago; Dallas Museum; MoMA, New York; Kunstmuseum St.Gallen; Fundação de Serralves; MAMCO Genève; Kunstmuseum Basel.

<https://www.silviabaechli.ch/home/>

CURADORIA

Bruno Marchand

ASSISTENTE DE CURADORIA

Sílvia Gomes

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

António Sequeira Lopes

APOIO À PRODUÇÃO

Fernando Teixeira

MONTAGEM

Michael Bennett

DESIGN GRÁFICO

Márcia Novais

AGRADECIMENTOS

Eric Hattan; Raffaella Cortese, Milano; Barbara Gross, München; Peter Freeman Inc. New York; Maisterravalbuena, Madrid; Skopia, Genève.

Chain Reaction is the title of the project resulting from a collaboration between Fidelidade Arte and Culturgest, curated by Delfim Sardo (2019–2020) and Bruno Marchand. The proposal consists of involving artists in the selection of their peers, who will follow them (first) at Fidelidade Arte and (subsequently) at Culturgest Porto.

Each year features exhibitions by three artists. Due to the necessary adaptation to the specificity of the venues, two versions of their projects will be presented.

Three books will be published, one for each year of the cycle, compiling the memory of the projects presented, with extensive documentation of their development.

The cycle began in 2019 with a program that, following this logic of succession, has had the participation of the following artists:

2019

#1 Ângela Ferreira (Mozambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (USA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Italy, 1982)

2020

#4 Evan Roth (USA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Spain, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (Mexico, 1983)

#8 Silvia Bächli (Switzerland, 1956)

Upcoming artist / December 2021

#9 Ângelo de Sousa

(Maputo, MZ, 1938–Porto, PT, 2011)



10.09.—26.11.
2021

Largo do Chiado, 8
1249–125 Lisboa



18.12.—06.03.
2021

Av. dos Aliados, 104
4000–065 Porto